

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XII ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
VIII CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: Relato de Experiências
GRUPO DE PESQUISA: Produção Laboratorial – Impressos

Lampião ilumina a cidade: cotidiano, conflito e aprendizado à luz do “olhar estrangeiro” em um jornal-laboratório

Adriana Bravin¹

adriana.bravin@gmail.com

Priscila Borges²

primborges@gmail.com

Palavras-chave: jornal-laboratório, ensino, jornalismo.

Introdução

Cidade partida, cidade histórica, cidade mineradora. Passados mais de 300 anos de sua fundação, na época aurífera, a “primaz de Minas” ainda retira dos morros que a cercam a riqueza que movimenta sua economia. A exploração do “ouro negro”, o minério de ferro, representa uma de suas principais fontes de sobrevivência e também de conflitos, principalmente ambientais. A cerca de 130 quilômetros da capital Belo Horizonte (MG), e a apenas 12 km de Ouro Preto, com uma população aproximada de 54 mil habitantes, Mariana preserva ares de interior e um patrimônio histórico singular, com igrejas e casario datados do século XVIII, ao mesmo tempo em que convive com problemas de cidade grande.

É neste contexto e ambiente que é criado, há quatro anos, o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), abrigado no segundo *campus* da UFOP na cidade, o Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), onde também estão as graduações em Administração, Economia e Serviço Social. Ao todo, são 400 novos estudantes por ano, inúmeros professores e técnicos recém-contratados na universidade, a maioria vinda do próprio interior de Minas, mas também de outros estados do Sudeste.

¹ Mestre em Comunicação, Imagem e Informação (UFF). Graduada em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) pela FACHA (RJ). Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto.

² Doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Graduação em Comunicação (habilitação em Publicidade e Propaganda) pela UnB. Atualmente é professora no curso de Jornalismo da UFOP, pesquisadora do Centro de Convergência de Novas Mídias – CCNM, na UFMG, diretora executiva do Centro Internacional de Estudos Peirceanos – CIEP, na PUC-SP e vice-secretária geral da International Association for Semiotics Studies – IASS-AIS.

Numa cidade pequena, como Mariana, ainda imperam meios informais de comunicação, tais como murais, pontos de ônibus, padarias, praças, igrejas e postes, usados para propaganda, venda e troca de produtos, aluguel de casas, divulgação de eventos culturais e políticos. Também é possível “saber o que se passa” parando-se para ouvir a conversa alheia numa esquina, onde as pessoas colocam os assuntos em dia, assim como na saída da missa dominical e no passeio pela praça, aos domingos.

A cidade possui dez jornais semanais, francamente parciais; não há diários; apenas uma operadora de telefonia com banda larga; duas emissoras de rádio – uma pertencente a uma expressiva rede ligada ao setor religioso evangélico e outra à Arquidiocese de Mariana. Em paralelo, existem plataformas informativas organizadas por grupos religiosos, como os membros da comunidade católica, ligada ao 6º. Bispado brasileiro; institucionais, como o site da UFOP; ou mesmo culturais.

Feita essa contextualização (e aproximação do lugar de onde se fala) assumimos, assim como nossos alunos, um olhar “estrangeiro” sobre uma nova realidade para nós, sobre o Outro cidade-cidadão, seu cotidiano e seus conflitos. Iluminar o que não “vemos” por naturalização na rotina, encontrar e revelar o conflito no cotidiano, e nas diferentes versões, “permitir que o outro construa novos significados, novas formas de ver o outro e as coisas que envolvem o dia-a-dia desse outro” (LAMPPIÃO, Editorial, Maio 2011: 2) são princípios que norteiam o Jornal Lampião, primeiro veículo laboratorial do curso de Jornalismo da UFOP, voltado primeiramente para a comunidade de Mariana, e mais recentemente, para a realidade da vizinha Ouro Preto.

O jornal-laboratório Lampião investe na vivência do cotidiano como atributo da reportagem (IJUIM; VALENTINI, 2011) e possibilita exercícios de reflexão e de abordagens da realidade, a partir da construção de pontos de vistas que privilegiem o leitor. Desenvolvido em uma disciplina obrigatória no sexto semestre, Laboratório Impresso I – Jornal, o periódico foi lançado em maio de 2011, tendo como seus primeiros orientadores os professores Hila Rodrigues (reportagem), Ricardo Augusto (planejamento visual) e Anderson Medeiros (fotojornalismo). Atualmente, inicia sua terceira turma, sendo a cada período letivo repensada e reestruturada a forma de realizá-lo.

Com a intenção de pensar um jornal capaz de se dirigir de forma ampla à população local, realizou-se uma enquete, com 66 moradores da região, para descobrir temas de

maior interesse e entender a relação entre moradores e jornalismo. O impresso foi apontado como o meio mais utilizado para se informar e o tema política, o de maior interesse (LAMPPIÃO, maio, 2011: 05). Desse modo, iniciou-se uma aproximação com o público leitor, sem restringir o conteúdo do jornal. O tema cultura, por exemplo, apesar de ter sido classificado como de pouco interesse pela população, é constantemente abordado pelo jornal.

Assim, o Lampião conseguiu, já em seu primeiro semestre de circulação, ser amplamente aceito na cidade. Ao abordar os conflitos existentes na cidade, seus problemas cotidianos, seus personagens invisíveis e a cultura local, conquistou a comunidade, que aprecia a publicação e solicita exemplares aos alunos durante sua distribuição nas ruas – outra etapa da produção jornalística assumida pelos discentes. O reconhecimento do trabalho pela população é um importante fator para que os estudantes assumam uma postura de responsabilidade e criticidade com o trabalho da equipe.

Formação

Apesar de recente, a experiência com o Lampião já se mostrou bastante relevante no que toca a formação para a atividade jornalística, envolvendo tanto a pesquisa e produção de pautas, textos, fotos e diagramação, quanto, e talvez o mais importante, a necessidade de trabalhar em equipe, tendo como objetivo final a realização de um produto conjunto.

Para que o jornal se realize os estudantes precisam assumir o controle de todas as etapas de produção, e os três professores orientadores atuais – reportagem (Adriana Bravin), planejamento visual (Priscila Borges) e fotojornalismo (Anderson Medeiros) – planejam e acompanham as atividades em conjunto, mas são os alunos que assumem os cargos de direção e controlam o andamento do trabalho das equipes (de redação, diagramação e foto).

Essa é uma característica do Lampião desde sua implantação, em 2011. Na época, o projeto do jornal-laboratório contou com a participação efetiva dos estudantes, que planejaram e definiram o periódico a partir de duas propostas apresentadas em sala de aula. Em depoimento ao próprio jornal, em seu número inaugural, o estudante Simião Castro afirmou: “Um dos prontos positivos do projeto foi o processo de criação coletivo”

(LAMPPIÃO, maio, 2011: 05). Desse modo, os estudantes assumem responsabilidades, comprometem-se, compartilham ideias, medeiam conflitos e tomam decisões.

Processo

O Lampião possui três edições por semestre, o que possibilita que seja produzido e distribuído durante o período letivo. Não existem editorias fixas, o que dá maior flexibilidade para as pautas, uma vez que os assuntos não estão pré-definidos por página. Seu formato é Standard (315mm x 545mm), 12 páginas, sendo coloridas a capa, contracapa e o miolo do jornal (páginas seis e sete).

A primeira turma que o produziu teve um grande trabalho inicial para desenvolver o projeto editorial e gráfico; na segunda turma tivemos um número reduzido de alunos e a contratação, já com o semestre em andamento, de um dos professores orientadores. Esses fatores certamente colaboraram com o número de edições possíveis de serem realizadas. No entanto, a experiência com o jornal-laboratório tem mostrado também que os alunos precisam desse tempo para produzi-lo de modo cuidadoso e com reflexão acerca de todos os processos, o que nos parece fundamental para o aprendizado.

O nome escolhido pelos alunos, Lampião, refere-se “não só à iluminação do município de Mariana, com suas tradicionais lanternas, mas também à ideia de derramar luz sobre a cidade e sobre os moradores a partir da notícia e da abertura de um novo espaço para o debate” (LAMPPIÃO, maio 2011: 05). Para não confundir o Lampião com o cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, criou-se uma logomarca que faz referência aos postes de iluminação. Composta por traços irregulares, a logo, além de se referir à luz, remete a ideia de um traço manual, desgastado, rústico e antigo.

A diagramação, ao contrário, foi pensada com características mais contemporâneas, como a valorização gráfica (FERREIRA JUNIOR, 2003, p.78). Uso de espaços em branco, entrelinhas grandes, ilustrações e diversos elementos gráficos buscam aliviar a massa textual. O projeto gráfico, sem grandes restrições, permite ampla liberdade de criação, sendo possível trabalhar com três diferentes tipos de colunagem, sobreposição ou não de fotos, recortes ou texto em contorno da imagem. Mas, essas não são regras, são apenas possibilidades. Por isso, de um semestre para o outro, mesmo que o projeto gráfico permaneça praticamente o mesmo, o jornal ganha uma cara nova. Com um

projeto mais aberto, cada aluno diagramador deve pensar quais os objetivos comunicativos de sua página e escolher como usar determinados elementos gráficos para transmitir uma informação e alcançar um objetivo comunicativo sem ignorar que os elementos gráficos também participam desse processo.

A cada início de semestre os estudantes são convidados a repensar o projeto gráfico. Eles têm completa liberdade para rediscutir e propor uma reforma gráfica. Nem a mudança, nem a permanência do projeto são impostos pelos professores. As decisões são tomadas pelos estudantes que, em um exercício crítico, discutem a adequação dos elementos gráficos e propõem novas formas de expressão visual.

Da primeira turma para a segunda as alterações foram mínimas, mas consolidou-se a ideia de trabalhar capa-cartaz. Esse tipo de capa, que dá grande ênfase a um tema do jornal e mescla elementos característicos das capas de revistas e dos cartazes publicitários, “elabora um texto-visual extremamente rico e, ao mesmo tempo, com um grau de influência semântica enorme, semelhante a qualquer expressão verbal.” (FERREIRA JUNIOR, 2003, p.105) Extremamente apropriada aos conceitos norteadores do projeto gráfico do jornal, a capa-cartaz tornou-se um elemento identitário do jornal.

Em busca de imprimir sua “identidade” e firmar-se como um veículo local, o *Lampião* reflete em suas páginas os conflitos cotidianos que permeiam as diversas realidades existentes em Mariana e Ouro Preto, cidades históricas que vivem entre as marcas indelévels de um passado colonial e a emergência de um presente que exige respostas imediatas. O jornalismo impresso praticado por jornalistas em formação no laboratório do *Lampião* aponta, sem medo, para a utopia de que podemos transformar a realidade, intervir no social, por meio da palavra e da imagem.

Referências Bibliográficas:

FERREIRA JUNIOR, José. *Capas de Jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico-visual*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

IJUIM, Jorge Kanehide; VELENTINI, Géssica Gabrieli. A vivência do cotidiano como forma de construção da realidade. In *Revista Comunicação Midiática*, v. 6, n. 1, p. 100-117, jan./abr. 2011.

LAMPIÃO. Mariana: Conceito Gráfica e Editora, ano 1, n. 0, maio 2011.